

Caderno de Aulas

Curso: Formação Humanista

Módulo: Educação Liberal



Professor Victor Sales Pinheiro

Referências principais:

Diálogo *Fedro* de Platão; Ensaio 'O que é educação liberal?' de Leo Strauss; Conto 'Os sobreviventes' de Caio Fernando Abreu; Conto 'A aposta' de Anton Tchekov; Conto 'Teoria do medalhão' de Machado De Assis; Ensaio *A missão da universidade e outros ensaios afins (Rebelião das Massas)* de José Ortega Y Gasset.



Curso: Formação Humanista - Módulo: Educação Liberal

Apresentação

I. Dialético é como o fundador da Filosofia, Platão, designou o filósofo. Partindo da noção coloquial de conversa, dialética significa articular o dado particular com o princípio universal a que ele pertence e relacioná-lo com o todo da realidade. A alteridade da interlocução permite a continuidade da pergunta, da dúvida construtiva, impedindo a imobilização do pensamento numa resposta definitiva. Nesse contexto, o site explora a relação de oposição e convergência do pensamento clássico e do moderno, na ética, no direito, na política e na estética.

II. O Curso de Formação Humanista explora a dimensão edificante da inteligência, justificando a articulação entre o pensamento imagético da literatura e a reflexão conceitual da filosofia. Para tanto, aborda módulos de educação liberal, vida intelectual, teoria mimética, virtudes humanas, educação personalizada, crise da cultura, universidade, civilização ocidental, imaginário moral, arte clássica e papel dos intelectuais na sociedade.

III. Este módulo *Educação Liberal* apresenta, na Aula 1, o projeto humanista do site Dialético, refletindo sobre o alcance e limitação da internet no processo pedagógico, sobretudo a partir da consciência retórica e hermenêutica articulada por Platão, no diálogo *Fedro*. A Aula 2 visa à conceituação da educação liberal, comparando, dialeticamente, a dimensão pedagógica e antropológica de cultura. As Aulas 3 a 5 exploram contos clássicos para refletir sobre a crise da cultura, a descoberta da vida intelectual e a formação meramente retórica. A Aula 6 reflete sobre o papel da Universidade no contexto da educação liberal.



Curso: Formação Humanista - Módulo: Educação Liberal
Apresentação

IV. Sumário

Aula 1: Apresentação do projeto humanista do site Dialético	p.3
Aula 2: Educação Liberal	p.7
Aula 3: Crise da Cultura e Moral	p.10
Aula 4: Conversão à Vida Intelectual	p.13
Aula 5: De-formação Retórica	p.16
Aula 6: A Barbárie da Especialização	p.23
Bibliografia	p.24



Curso: Formação Humanista - Módulo: Educação Liberal
Aula 1. Apresentação do projeto do site Dialético

Aula 1. Apresentação do projeto do site Dialético

1. Apresentação do projeto

1.1. Alcançar alunos pelo meio virtual

1.1.1. Formar leitores das obras clássicas da Literatura e Filosofia

1.1.2. Introduzir na "grande conversa" da Cultura Ocidental

1.1.3. Conquistar autonomia intelectual

1.2. Alcance: possibilidade de assistir onde e quando quiser (possibilidade de baixar somente o áudio)

1.2.1. Divulgação acessível sem vulgarização, simplificação

1.2.2. Equilíbrio entre a simplificação e o academicismo

1.2.3. Convite ao aprofundamento, apresentando os meios bibliográficos

1.3. Limitação da distância

1.3.1. Importância do contato pessoal com o professor (P. Hadot, *Filosofia como forma de vida*; G. Steiner, *Lições dos mestres*)

1.3.2. Impossibilidade de interação com os alunos, pelo menos no momento da aula

1.3.3. Perguntas formuladas por escrito

Aula 1. Apresentação do projeto do site Dialético

2. Aula objetiva, sintética, pautada num plano de aula e num texto referencial

- 2.1. Duração 30-40 min.; cursos *livres*, com módulos temáticos de atualização constante. Possibilidade de visitar obras clássicas, que são, por definição, inesgotáveis.
- 2.2. Conteúdo: Introdução à leitura de obras clássicas a partir de comentadores relevantes (tornar acessível o conhecimento acadêmico, sem condicioná-lo ao jargão hermético dos iniciados)
- 2.3. Método: estudo de obra (como *Banquete* de Platão e *A montanha mágica* de T. Mann), tema (como Ética e Metafísica); período histórico (como Filosofia Clássica e Moderna); corrente (como Realismo e Liberalismo)
- 2.4. Aula como ponto de partida para a leitura e reflexão própria (autodidatismo). (J.-F. Robinet, *Tempo do pensamento*)

3. Estrutura dos quatro cursos modulares

- 3.1. **Formação humanista:** Educação liberal, Crise da cultura e da educação, Vida intelectual, Imaginário Moral, Imagem do homem (Paideia; *Bildung*) Edificação moral pelos Clássicos, Virtudes (Antropologia Filosófica), Disciplinas humanistas, Trivium, Universidade (L. Strauss, W. Jaeger, J. Ortega y Gasset, M. Adler, G. Steiner, M. Nussbaum, N. Frye, E. Auerbach, R. Girard, Otto Maria Carpeaux, José Guilherme Merquior, Benedito Nunes, etc.)

Aula 1. Apresentação do projeto do site Dialético

3.2. **Clássicos**

3.2.1. **Literatura:** Homero, Agostinho, Dante, Shakespeare, Dostoiévsky, Mann, Eliot etc.

3.2.2. **Cinema:** Bergman, Antonioni, Visconti, Glauber Rocha etc.

3.3. **Filosofia:** Natureza, história, temas, autores, correntes; hermenêutica (origem clássica em Platão, Aristóteles; desenvolvimento Agostinho e Aquino; ruptura moderna e contemporânea Kant e Hegel; Nietzsche e Heidegger)

3.4. **Direito:** Filosofia, Jusnaturalismo e Positivismo, Nova Teoria da Lei Natural, Hermenêutica Jurídica, “Casos difíceis” , Ética Jurídica, Teoria do Estado. (J. Finnis, M. Villey, J. Hervada, Luis Fernando Barzotto, Miguel Reale, Pedro Galvão de Souza)

4. Consciência retórica e hermenêutica da comunicação filosófica

4.1. Platão como filósofo “dialético” por excelência (W. Jaeger, *Paideia*)

4.2. Presença, oralidade e diálogo (*Fedro* de Platão)

4.3. Escrita e distanciamento (Revolução da escrita; E. Havelock, *Prefácio a Platão*)

4.4. Leitura e reflexão

4.5. Dialética literária

5. Papel da Internet na disseminação do conhecimento

- 5.1. Revolução comunicacional
- 5.2. Ilusão de onisciência: (in)formação e alienação
- 5.3. Imediatismo, fragmentarismo
- 5.4. Cultura alexandrina (científica moderna, teórica, desvitalizada, erudição estéril, meramente informativa) e filisteia ("cultura geral" , "opinião pública" , vulgar, modista, convencional, política-estatal) (Nietzsche, *Segunda consideração extemporânea*; Schopenhauer *como educador*, *Nascimento da Tragédia*)
- 5.5. Di-versão e tédio (T. Melendo, *Iniciação à filosofia*)
- 5.6. "Selva" cibernética, virtual; o mapa da cultura (Ortega y Gasset)

Aula 2. Educação Liberal

I. Dimensão cultural, filosófica, pedagógica, ética e política da cultura

1. Dimensão filosófico-dialética: provocação e investigação
2. Dimensão ética e pedagógica da cultura: formação do homem consciente e virtuoso
 - 2.1. libertar-se da “caverna” (Platão), das modas e preconceitos do nosso tempo pelo contato com os grandes autores (clássicos), que, intensificando a experiência do seu próprio tempo, intuíram *formas* humanas perenes.
 - 2.2. *Cultura: cultivo* da mente (intelectual), alma (ética) e espírito (religioso) (analogia com a terra, agricultura; e com o corpo, medicina e ginástica)
 - 2.3. Problema do relativismo: tudo é cultura?
 - 2.3.1. Cultura em sentido pedagógico x antropológico
 - 2.3.2. Cultura erudita x de entretenimento de massa
3. Dimensão política da cultura: discussão sobre a vida boa
 - 3.1. participação na vida cívica: discussão sobre o melhor regime e a vida boa
 - 3.2. alfabetização política e histórica: apatia eleitoral e falta de sentido público

II. Distinções conceituais de cultura

4. Cultura democrática e democratização da cultura
 - 4.1. cultura *popular x para o povo*

Aula 2. Educação Liberal

4.2. cultura de *entre-tenimento* de massa (indústria cultural e ideologia): mercadologia, vulgaridade, futilidade e superficialidade

4.2.1. Di-vertimento e tédio: o desinteresse pelo mundo

4.2.2. Destruição e neutralização da literatura numa cultura imagética e midiática; imaginação criativa e ativa vs. saturação imagética "cavernosa" (Distopias de destruição dos livros)

5. Dimensão aristocrática da cultura no sentido pedagógico

6. Tradição cultural e seleção canônica dos clássicos

6.1. "Grandes mentes": clássicos

6.2. Dificuldade de avaliar os clássicos: preconceito modernista de que o novo supera o antigo (progressismo como filosofia da história). Ingenuidade de nos considerarmos melhores do que os antigos

7. Cultura humanista e cultura tecnocientífica (J. Ortega y Gasset)

7.1. "O homem culto é bem mais do que o homem erudito. Este limita-se a reunir e justapor conhecimentos, enquanto o homem culto os unifica e anima com um sopro de espiritualidade e entusiasmo" (M. Reale)

8. Cultura antropológica e cultura pedagógica

Sentido antropológico	Sentido pedagógico
Inclusivo (tudo é cultura)	Seletivo
Quantitativo	Qualitativo
Horizontal	Vertical
Relativista	Hierárquica
Inovação – modernismo	Respeito à Tradição
Local/Regional	Universal
Acessível	Exigente

Aula 3. Crise da cultura e da moral

I. Literatura e filosofia: imagem e conceito

1. A arte do conto: gênero e experiência literária

II. Introdução ao autor: Caio Fernando Abreu

1. Literatura realista e psicológica
2. A Condição Pós-Moderna como demissão de metanarrativas (Lyotard)
3. Tema preferencial: o amor

III. Introdução ao Conto “Os Sobreviventes”

1. Livro “Morangos Mofados”
2. Título do conto: “Os Sobreviventes”
 - 2.1. Crise da cultura: perda da força orientadora da tradição
 - 2.2. Clima de relativismo absoluto: horizontal e indiferente (niilismo passivo, Nietzsche)
3. Forma do conto: fala direta e atravessada do eu-lírico feminino
4. Começo do conto: o cartão postal
 - 4.1. Inquietação, inconsistência, instabilidade existencial
 - 4.2. “Ciência e Política: duas vocações” (Max Weber)
5. Tentativa de preencher o vazio existencial com o ativismo político
 - 5.1. “Perdi minha alegria, anoiteci, roubaram minha esperança, enquanto você, solidário e positivo, apertava meu ombro com sua mão apesar de tudo viril repetindo reage, companheira, reage, a causa precisa dessa tua cabecinha privilegiada, teu potencial criativo, tua lucidez

Aula 3. Crise da cultura e da moral

libertária, e bábábá bábábá. As pessoas se transformaram e cadáveres decompostos à minha frente”

5.2. A Terra Devastada (T.S. Elliot)

6. Desilusão, inutilidade e negação da realidade

7. Problema do relativismo absoluto: sincretismo, subjetivismo, indiferentismo

7.1. “Já li tudo, cara, tentei macrobiótica psicanálise drogas acupuntura suicídio ioga dança natação cooper astrologia patins marxismo candomblé boate gay ecologia, sobrou só esse nó no peito, agora faço o que? Não é plágio do Pessoa não, mas em cada canto do meu quarto tenho uma imagem de Buda, uma mãe de Oxum, outra de Jesusinho, um pôster de Freud, às vezes acendo uma vela, faço reza, queimo incenso, tomo banho de arruda, jogo sal grosso nos cantos, não te peço solução nenhuma.”

8. Contracultura: negação da Tradição

8.1. “Angst” (Kierkegaard)

8.2. “ tenho uma coisa apertada aqui no meu peito, um sufoco, uma sede, um peso, ah não me venha com essas histórias de atraioamos-todos-os-nossos-ideais, eu nunca tive porra de ideal nenhum, eu só queria salvar a minha, veja só que coisa mais individualista elitista capitalista, eu só queria ser feliz, cara, gorda, burra, alienada e completamente feliz”

8.3. Princípio ético da “eudaimonia” (Aristóteles)

9. Autoengano e negação do autoconhecimento

9.1. “claro que deve haver alguma dignidade nisso tudo, a questão é onde, não nesta cidade escura, não neste planeta podre e pobre, dentro

Aula 3. Crise da cultura e da moral

de mim? Ora não me venhas com autoconhecimentos-redentores, já sei tudo de mim, tomei mais de 50 ácidos, fiz seis anos de análise, já pirei de clínica, lembra?”

10. Trauma de uma geração infecunda: demissão do ideal intelectual (Huizinga)

10.1. “ai que gracinha nossos livrinhos de Marx, depois Marcuse, depois Reich, depois Castañada, depois Lang embaixo do braço, aqueles sonhos tolos colonizados nas cabecinhas idiotas, bolsas na Sorbonne, chás com Simone e Jean-Paul nos 50 em Paris, 60 em Londres ouvindo *here comes the sun here comes the sun little Darling*, 70 em Nova York disco music no Studio 54, 80 a gente mastigando esta coisa porca sem conseguir engolir nem cuspir fora nem esquecer esse azedo na boca.”

11. Imagem do apocalipse: o vômito final

11.1. “mas ela se contrai violenta e pede que eu ponha Ângela, outra vez, amor meu grande amor, caminhamos tontos até o banheiro, sem querer vomito junto, ao mesmo tempo, os dois abraçados, fragmentos azedos sobre as línguas misturadas... te desejo uma fé enorme, um qualquer coisa, não importa o quê...”

11.2. “que leve para longe da minha boca este gosto podre de fracasso, este travo de derrota sem nobreza, não tem jeito, companheiro, nos perdemos no meio da estrada e nunca tivemos mapa algum...”

Aula 4. Conversão à vida intelectual

I. Introdução: conto “A Aposta”

1. Temas fundamentais: vida e morte, liberdade e prisão, descoberta da vida interior

I. Introdução ao autor: Anton Tchekov (1860-1904)

III. Análise do conto

1. Vida interior e vida exterior

- 1.1. dimensão exterior–sensível e interior–inteligível (Platão e Santo Agostinho)

2. Estado como substituto de Deus (secularização)

3. Termos do acordo: ausência do contato humano

- 3.1. nenhum contato humano direto, pessoalmente
- 3.2. permissão de contato escrito (bilhete): livros

4. “O tempo do pensamento” : o caminho da ascese

4.1. 1º ano: solidão e tédio

Livros de conteúdo leve

4.2. 2º-4º ano (3 anos): clássicos

4.3. 5º ano: entediado novamente

4.4. 6º-10º ano (5 anos): formação humanista: línguas, filosofia e história

Curso: Formação Humanista - Módulo: Educação Liberal

Aula 4. Conversão à vida intelectual

4.4.1. 600 volumes

4.4.2. Seis idiomas: universalidade do espírito humano (contemporânea de todos os tempos): “Os gênios de todos os séculos e países falam línguas diversas, mas em todos eles arde a mesma chama. Oh, se soubesse que inefável felicidade experimenta hoje a minha alma porque agora eu os posso compreender!”

4.5. 11º ano: Evangelho (um ano inteiro)

4.6. 12º-13º ano (2 anos): História das religiões (comparadas)

4.6.1. especificidade do cristianismo (falácia do relativismo religioso)

4.6.2. Teologia

4.7. 14º-15º ano (2 anos): sem nenhum critério, interesse geral e difuso

4.7.1. Universalidade do conhecimento: religioso, filosófico, científico abrangente (Shakespeares, Byron)

4.7.2. Imagem do naufrágio

5. Banqueiro insolente, orgulhoso, autossuficiente, “aburguesado”

5.1. Felicidade – dinheiro (plutocrata)

5.2. Cogita a morte do prisioneiro (meio mais vil de resolver o problema)

6. Carta

6.1. Sã consciência - “diante de Deus” (Santo Agostinho) – princípio da sinceridade absoluta

Aula 4. Conversão à vida intelectual

6.2. Desprezo pelos “bens da vida” – estudo da vida terrena e sua desilusão, efemeridade, inconsistência, va(n)idade (*vanitatis vanitatum, omnia est vanitatem* – Eclesiastes):

6.2.1. “Tudo é mesquinho, perecível, espectral e ilusório, como a miragem”

6.2.1.1. Reino das sombras da Caverna de Platão

6.2.1.2. “mundo” da retórica, do “Medalhão”

6.2.2. Conquista da sabedoria “humanista” pelos livros – “tudo o que a infatigável mente humana criou durante séculos”

6.2.3. Morte e imortalidade

6.2.4. Inversão: “[vós] trocastes o céu pela terra.”

6.2.5. Desprezo pelo “paraíso” terreno – renúncia

7. Ação e Argumento: A “conversão” do banqueiro: o jurista-advogado “converte” o banqueiro, que não se esquece do fato, mesmo 15 anos depois

7.1. desprezo de si, esvaziamento, “crepúsculo dos ídolos”

7.2. dimensão pedagógica, educativa, convertedora dos três contos estudados (Caio Fernando Abreu, Tchêkov, Machado de Assis)

Aula 5. De-formação retórica

I. Introdução ao autor: Machado de Assis (1839-1908)

1. Contexto literário do livro de contos “Papéis avulsos” (1882)
2. “Instinto de nacionalidade” (1873): “Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.”

II. Análise do conto “A teoria do Medalhão”

1. Teoria: primeira ironia machadiana
2. Forma literária: diálogo socrático
3. Tema: Pedagogia e cultura – transmissão consciente de um modo de vida
 - 3.1. “Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti (...)”
 - 3.2. “A construção da ordem: teatro de sombras” – José Murilo de Carvalho

Aula 5. De-formação retórica

4. Formação ornamental: exibição e aparência

4.1. “O homem é metafisicamente uma casca de laranja” (O espelho)

4.2. “Mas, qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum.”

4.3. “Mentira romântica e verdade romanesca” (René Girard)

5. Desdém pelo esforço intelectual do conhecimento (*scholé*: lugar de ócio)

6. Regime debilitante, anti-intelectual: o ideal é não ter idéias:

“O melhor será não as ter absolutamente; (...)

- Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de idéias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloqüente, eis aí uma esperança, No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas idéias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As idéias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e

Aula 5. De-formação retórica

precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

- Creio que assim seja; mas um tal obstáculo é invencível.
- Não é; há um meio; é lançar mão de um regime debilitante, ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos, etc. O voltarete, o dominó e o *whist* são remédios aprovados. O *whist* tem até a rara vantagem de acostumar ao silêncio, que é a forma mais acentuada da circunspeção. Não digo o mesmo da natação, da equitação e da ginástica, embora elas façam repousar o cérebro; mas por isso mesmo que o fazem repousar, restituem-lhe as forças e a atividade perdidas. O bilhar é excelente.”

7. O bilhar: a opinião do senso comum

“Se te aconselho excepcionalmente o bilhar é porque as estatísticas mais escrupulosas mostram que três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do mesmo taco. O passeio nas ruas, mormente nas de recreio e parada, é utilíssimo, com a condição de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de idéias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade.

- Mas se eu não tiver à mão um amigo apto e disposto a ir comigo?
- Não faz mal; tens o valente recurso de mesclar-te aos pasmatórios, em que toda a poeira da solidão se dissipa. As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra, razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às

escâncaras. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não preferas interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável. Com este regime, durante oito, dez, dezoito meses - suponhamos dois anos, - reduces o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum. Não trato do vocabulário, porque ele está subentendido no uso das idéias; há de ser naturalmente simples, túbio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim..."

8. Retórica como adorno do estilo e como neutralização do pensamento dialético

"Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocardos jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. (...) Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício: seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o

Aula 5. De-formação retórica

pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema, basta figurar uma hipótese. Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma coleta fastidiosa de documentos e observações, análise das causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes! - E esta frase sintética, transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro súbito de sol."

9. Uso da retórica científica

"O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; debes decorá-la(...) podes ter a coquetice de as trazer, para mostrar que também és pintor. De outiva, com o tempo, irás sabendo a que leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia; porque o método de interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência, nos seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular idéias novas, e é radicalmente falso."

10. O benefício da publicidade

11. Promessa de felicidade

“- Digo-lhe que o que vosmecê me ensina não é nada fácil.

- Nem eu te digo outra coisa. É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho, e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me. Verás cair as muralhas de Jericó ao som das trompas sagradas. Só então poderás dizer que estás fixado. Começa nesse dia a tua fase de ornamento indispensável, de figura obrigada, de rótulo. Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesadão e cru de substantivos desadjetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o *odorífero* das flores, o *anilado* dos céus, o *prestimoso* dos cidadãos, o *noticioso* e *suculento* dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário.”

12. Política como *locus* da indiferença retórica

“Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma idéia especial a esses vocábulos (...)

- Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna?

Aula 5. De-formação retórica

- Podes e deves; é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: - ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não desdizem daquela chateza de bom-tom, própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; (...)

Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir. Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade."

13. Poesia, imaginação e filosofia: nenhuma

"- Nenhuma filosofia?

- Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. "Filosofia da história", por exemplo, é uma locução que deves empregar com freqüência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc."

14. A advertência final: não empregar, jamais, ironias...

Aula 6. A barbárie da especialização

I. “A missão da Universidade e outros textos afins” (Ortega y Gasset)

1. A Crise da Universidade

1.1. “The Closing of American Mind” (Allan Bloom)

2. A barbárie da especialização excludente (senhorzinho satisfeito)

2.1. Aprofundamento vertical e alienação do todo

3. A cultura geral: filosofia, literatura, história, religiões

3.1. Risco da expansão horizontal: superficialidade

4. A cultura como “mapa da existência” (Ortega y Gasset)

5. A politização e neutralização da Universidade

5.1. A cultura não é autônoma: influência religiosa, política e econômica

6. Estudar x ser estudante

6.1. Curiosidade vã X interesse genuíno pelo mundo

6.2. O cientista moderno como um monge secular

7. Qual a forma da Universidade – O que a Universidade forma?

8.

Intelectofobia

Bibliografia

Aula 1

Platão, *Fedro*. Diálogos de Platão – vol. 3. Edição bilíngüe. Tradução Carlos Alberto Nunes. Coordenação Benedito Nunes e Victor Sales Pinheiro. Belém: Ed.UFPA, 2013.

P. Hadot, *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 1999.

G. Steiner, *Lições dos mestres*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

V. Hösle, *Interpretar Platão*. São Paulo: Loyola, 2008. (Cap. III ‘A filosofia e seus meios de comunicação’ . pp. 131-156.)

E. Havelock, *Prefácio a Platão*. São Paulo: Papyrus, 1996.

J.-F. Robinet, *O tempo do pensamento*. São Paulo: Paulus, 2004. (‘Prefácio’ . pp. 11-20.)

D. Schwanitz, *Cultura*. Tudo o e o se deve saber. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Segunda Parte: Poder, Cap. V ‘O que não convém saber’ e VI ‘O saber reflexivo’)

B. Nunes, ‘O fazer filosófico ou oralidade e escrita em Filosofia’ , em *Ensaios filosóficos*. Organização e apresentação Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Bibliografia

Aula 2

STRAUSS, Leo. 'O que é educação liberal?' .Revista Ensino Superior Unicamp número 3, junho-setembro de 2011.

ORTEGA Y GASSET, J. *A missão da universidade e outros ensaios afins (Rebelião das Massas)*. Edição J.E.Sánchez. Coleção Educadores MEC. Recife: J. Nabuco, 2010. pp. 39-110. (disponível online)

ADLER, Motimer J. *Como pensar sobre as grandes idéias* – a partir dos grandes livros da civilização ocidental. São Paulo: É Realizações, 2013.

____; DOREN, C.. *Como ler livros* – o guia clássico para a leitura inteligente. São Paulo: É Realizações, 2014.

BLOOM, A. *O declínio da cultura ocidental*. Da crise da universidade à crise da sociedade. Rio de Janeiro: Bestseller,1989.

CARVALHO, Olavo de. 'Desejo de conhecer' ; 'O poder de conhecer' ; 'Redescobrimo o sentido da vida' ; Espírito e cultura: o Brasil ante o sentido da vida' ; 'A tragédia do estudante sério no Brasil' ; 'Se você ainda quer ser um estudante sério...' ; 'Pela restauração intelectual do Brasil' . In: *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

JAEGER, Werner. *Paidéia*. A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes. 1995

JOSEPH, Irmã Miriam. *O trivium*. As artes liberais da lógica, gramática e retórica. São Paulo: É Realizações, 2008.

SERTILLANGES, *A vida intelectual*. São Paulo: É Realizações.

LEWIS, C.S. *A abolição do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Bibliografia

MATTÉI, Jean-François. *A barbárie interior*. Ensaio sobre o *i-mundo* moderno. São Paulo: Ed.Unesp, 2002.

MELLO, Mario Vieira de. *O humanista*. A ordem na alma do indivíduo e na sociedade. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

_____. *Desenvolvimento e cultura*. O problema do estetismo no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

_____. *O conceito de uma educação da cultura com referencia ao estetismo e à criação de um espírito ético no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MERQUIOR, José Guilherme. *Saudades do carnaval*. Introdução à crise da cultura. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

NUNES, Benedito. 'Ética e leitura' . In: *Crivo de papel*. São Paulo: Ática, 1998.

NUSSBAUM, M. *A fragilidade da bondade*. Fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROBINET, Jean-François. *O tempo do pensamento*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Mário Ferreira dos Santos. *Invasão vertical dos bárbaros*. São Paulo: É Realizações, 2012.

STEINER, George. *Lições dos mestres*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Bibliografia

Aula 3

ABREU, Caio Fernando Abreu. 'Os sobreviventes' . In: *Melhores contos*. Seleção e prefácio Marcelo Secron Bessa. Rio de Janeiro:Global Editora, 2006.

BLOOM, Allan. *O declínio da cultura ocidental*. Da crise da universidade à crise da sociedade. Rio de Janeiro: Bestseller,1989.

CARVALHO, Olavo de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4a edição, revista e muito aumentada. São Paulo: Vide editorial, 2014.

D' ANDREA, Anthony Albert Fischer. *O self perfeito e a nova era*. Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais. São Paulo: Loyola, 2000.

TERRIN, Aldo Natale. *Nova era*. A religiosidade do pós-moderno. São Paulo: Loyola, 1996.

Aula 4

TCHEKOV, Anton. 'A aposta' . In: *Lendo Tchekov*. 37 contos. Tradução Tatiana Belinky. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. pp.415-422.

MATTÉI, Jean-François. *A barbárie interior*. Ensaio sobre o *i-mundo* moderno. São Paulo: Ed.Unesp, 2002.

MELENDO, T. *Iniciação à filosofia*. Razão, fé e verdade. São Paulo, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio" , 2005.

SERTILLANGES, *A vida intelectual*. São Paulo: É Realizações.

Bibliografia

Aula 5

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. 'Teoria do medalhão' (de *Papéis avulsos*, 1882). In: *Contos*. Uma antologia. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp.328-337.

NUNES, Benedito. 'Machado de Assis e a filosofia' ; 'Introdução à crise da cultura' . In: *No tempo do nihilismo e outros ensaios*. SP: Loyola, 2013.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COUTINHO, Afrânio. *Machado de Assis na literatura brasileira: estudo crítico* in: *Obras Completas de Machado de Assis*. 2ª edição. Vol. 1. São Paulo: José Aguilar, 1962.

Aula 6

ORTEGA Y GASSET, J. *A missão da universidade e outros ensaios afins (Rebelião das Massas)*. Edição J.E.Sánchez. Coleção Educadores MEC. Recife: J. Nabuco, 2010. pp. 39-110. (disponível online)

MELLO, Mario Vieira de. *O humanista*. A ordem na alma do indivíduo e na sociedade. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

_____. *Desenvolvimento e cultura*. O problema do estetismo no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

_____. *O conceito de uma educação da cultura com referência ao estetismo e à criação de um espírito ético no Brasil*. RJ: Paz e Terra, 1986.

MERQUIOR, José Guilherme. *Saudades do carnaval*. Introdução à crise da cultura. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

ROBINET, Jean-François. *O tempo do pensamento*. SP: Paulus, 2004.